

BINGEMER, M. C. L.

O livro da vida. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, p.8 - 8, 02/09/2002.

O LIVRO DA VIDA

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Em setembro a Igreja Católica celebra e comemora o Mês da Bíblia. Trata-se de um período privilegiado onde os fiéis católicos e também os de outras denominações cristãs são convidados a conhecer melhor e em maior profundidade este livro onde se encontra a Palavra de Deus dirigida ao seu povo.

Após o Concílio Vaticano II (1959-1965) a Bíblia foi sendo uma referência sempre mais constante na vida dos membros da Igreja Católica. Multiplicam-se os círculos e as comunidades que se reúnem em torno da Palavra de Deus para lê-la, medita-la e dela extrair força e luz para o cotidiano de suas vidas. E hoje, quarenta anos após o Concílio, a importância da leitura e do estudo da Bíblia só tem feito crescer, tornando-se a referência maior para os cristãos de todas as latitudes que ali buscam alimento para sua fé.

No entanto, ao contrário do que se poderia desavisadamente pensar, a Bíblia é tudo exceto um manual de piedade onde se encontram receitas de um cotidiano tranqüilo e uma religião sem sobressaltos. É, ao contrário, o livro da Vida. E como a vida mesma, traz em suas páginas toda a imensa gama de experiências humanas: paixão, desejo, heroísmo, violência, sexo, amor, sabedoria, loucura. Enfim, tudo aquilo que forma o variado e colorido tecido da vida humana povoa as páginas da Bíblia. E é em meio a esta imensa pluralidade que a Palavra de Deus vai ser pronunciada, captada e assumida pela fé do povo de Deus.

O povo de Israel percebeu que Deus se revelava no meio da história e não fora dela. Certos fatos não carregavam apenas o sentido que se podia perceber imediatamente, com os olhos, os ouvidos. Mas apontavam para além de si mesmos, para uma disposição e providência divinas. Assim, a presença de Deus é percebida pelo povo no meio de acontecimentos como a guerra, a vitória e a derrota, a passagem do Mar Vermelho, a libertação do Egito e o exílio. Ou melhor, onde outros só viam a guerra, a vitória, a derrota, um acaso ou uma fatalidade, o povo de Israel via a presença de seu Deus à frente e por dentro de todos estes fatos.

A Revelação contida no texto bíblico é, portanto, como uma sinfonia pluriforme de diferentes tradições, diferentes gêneros literários e diferentes autores, que expressam juntos a mesma confissão de fé na mesma Verdade sobre a Vida revelada pelo mesmo Deus.

A Igreja considera a Escritura da Bíblia como Sagrada porque inspirada. A inspiração permite dizer algo da realidade que não aparece habitualmente. Assim é com a poesia, assim com a pintura ou qualquer outra obra de arte. Assim é com os textos sagrados da Bíblia. Porém não se trata somente de inspiração estética, mas de uma inspiração carregada pelo peso da Revelação que vai levar aquele autor a escrever o que Deus quer e fala.

Se é inspirada, a Bíblia não pode errar. Porém os livros da Escritura - apesar de inspirados por Deus - são escritos por autores humanos, condicionados e limitados pela cultura, língua, ciências. Podem, portanto, errar quando escrevem afirmações históricas ou científicas que hoje se encontram superadas. Não erram, no entanto, quando escrevem a respeito daquilo que Deus pretende ao pronunciar Sua Palavra no meio da história humana: abrir-nos as portas da vida e da vida em plenitude.

No mês da Bíblia, cristãos de todas as denominações – católicos, protestantes e ortodoxos – estamos especialmente convidados a beber desta vida que Deus derrama através das páginas da Escritura Sagrada. Ali certamente nos espera a inspiração e a luz para poder perceber como hoje, em nosso mundo violento e injusto, a Revelação continua acontecendo e apontando-nos caminhos novos e fecundos em direção à justiça, à paz e à vida plena.